

A ESTRUTURA DO MERCADO DE TRABALHO E DA INATIVIDADE
JUVENIL DA CIDADE DE SALVADOR:
ALGUMAS SUGESTÕES DE POLÍTICA

Wilson F. Menezes
José Carrera-Fernandez ¹

Resumo: este artigo estudou a participação do jovem no mercado de trabalho e a formação do seu rendimento, fazendo uso da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS) e tomando como referência a cidade de Salvador, procurando estabelecer os princípios, determinantes e condicionantes que levam a buscar uma ocupação nesse mercado. Os resultados revelaram que a alta taxa de participação da população jovem, aliada à pequena capacidade de absorção ocupacional dessas pessoas, tem se traduzido em elevada taxa de desemprego para esse importante contingente populacional. Além do mais, observou-se um número reduzido de ocupações absorvedoras de trabalhadores jovens, que intensifica a concorrência entre essas pessoas e faz surgir novas formas discriminatórias nesse segmento do mercado de trabalho. Percebe-se que o percentual de jovens na condição de desemprego de curto e médio prazos é decrescente com o aumento do nível de escolaridade. No entanto, a baixa elasticidade do rendimento do trabalho em relação à escolaridade e a alta elasticidade em relação à idade permitem concluir que o rendimento do jovem tem origem em ocupações não qualificadas que exigem vigor físico.

Palavras-chave: trabalho do jovem, mercado de trabalho, rendimento do trabalho, desemprego, inatividade

JEL Classification: J13, J21, J24

¹ Professores do Curso de Mestrado em Economia da UFBA, respectivamente Doutor pela Université de Paris I e PhD pela The University of Chicago.

Introdução

A inserção do jovem no mercado de trabalho tem se caracterizado como problemática no mundo inteiro. Por isso mesmo essa inserção vem se constituindo em um campo de preocupação especial para organismos governamentais e não governamentais. Esse tipo de trabalho enfrenta inúmeras dificuldades na medida em que se trata de uma mão-de-obra ainda sem as condições de qualificação e informação exigidas pelo mercado de trabalho. Dessa maneira, fica a juventude, em decorrência de uma necessidade pessoal ou familiar, exposta a muitas formas de exploração, as quais se exteriorizam através de remunerações menos significativas, quando comparadas a outros extratos etários, e de jornadas de trabalho extensivas e árduas.

A questão do trabalho juvenil é muito complexa na medida em que envolve inúmeros fatores sociais e econômicos, além de individuais e familiares. Políticas voltadas à regulação do trabalho juvenil fazem-se necessárias, mas a implementação adequada dessas políticas exige que se conheça em profundidade a natureza e a dimensão dessa problemática. Dessa forma, não se pode esquecer que o aumento do uso do trabalho juvenil acompanha as necessidades do capital em sua expansão acumulativa e transformação das suas formas de absorção da força de trabalho. Existe, portanto, uma simultaneidade do uso de mão-de-obra juvenil, por ser mais facilmente amoldável, com as recentes transformações técnicas e organizacionais que envolvem a economia mundial desde meados dos anos 80. Com efeito, o aumento dos níveis de concorrência entre grandes empresas, alterando os padrões de regulação no plano internacional, precarizando as relações de trabalho através de terceirizações socialmente perversas, além das reduções dos gastos governamentais voltados às áreas sociais, que vem permitindo uma ampliação da utilização da mão-de-obra juvenil, como forma de redução dos custos na atividade econômica.

A presente análise objetiva apresentar o problema do trabalho juvenil em Salvador, com base nas informações captadas pela

Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)². Nesse contexto, a primeira questão que se coloca é sobre a idade dos jovens que trabalham. Foram considerados como jovens todos os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, os quais foram divididos em duas faixas etárias: (i) adolescentes entre 15 e 17 anos e (ii) jovens adultos entre 18 e 24 anos.

Este artigo encontra-se dividido em cinco partes, além dessa introdução. Na primeira, avançam-se algumas questões relacionadas à inserção do jovem no mercado de trabalho. Em seguida, estudam-se detidamente os segmentos da população em idade ativa: ocupados, desempregados e inativos. Uma terceira parte, prende-se a uma avaliação dos determinantes dos rendimentos dos jovens ocupados. Em seguida, avançam-se algumas sugestões de políticas sociais. Finalmente apresentam-se as conclusões, esperando que esse trabalho sirva para subsidiar políticas públicas, que venham melhorar a qualificação do jovem, proporcionando condições adequadas para que ele possa acompanhar a evolução do mercado de trabalho, o qual vem experimentando grandes transformações e exigindo maiores habilidades e melhores qualificações.

1. Inserção do jovem no mercado de trabalho

Os dados da PED demonstram que o problema do trabalho juvenil em Salvador, diferentemente do trabalho da criança, deixa de ser um problema social meramente qualitativo, na medida em que o peso dessa participação torna-se compatível ao de outras faixas etárias. A tabela 1 ajuda a esclarecer esse ponto. A taxa de participação dos jovens entre 15 e 24 anos é de 62,9%, quando essa taxa é de aproximadamente 60,7% para o conjunto da população em idade ativa de Salvador, de maneira que 47,1% das pessoas nessa faixa etária encontram-se inativas. A taxa de desemprego mostra-se

² A PED segue orientação metodológica da Fundação Seade, do Estado de São Paulo, e do Dieese. Essa pesquisa vem sendo realizada na RMS, desde julho de 1996, em convênio entre o Estado da Bahia, através da Sei e da Setras, e a UFBA. Toda a estatística aqui apresentada considerou o levantamento realizado entre janeiro de 1997 e dezembro de 1999, de forma que os resultados podem ser considerados como representando a média desse período.

bastante elevada (38,1%), quando a média para o mesmo período em Salvador foi de 24,6%, dessa forma 61,9% dos jovens em idade ativa encontram-se ocupados.

Dentre os jovens que se encontram em idade ativa tem-se que 38,9% são ocupados, 23,9% são desempregados e 37,2% são inativos. Considerando o total dos jovens desempregados, tem-se que 63,1% tiveram experiência anterior de trabalho e 36,9% delas procuram trabalho pela primeira vez. Essa condição de ter ou não experiência anterior de trabalho mostra-se diferenciada nas duas subfaixas etárias. Assim, dentre as pessoas que tiveram alguma experiência anterior de trabalho, apenas 15,5% encontram-se na faixa de 15 a 17 anos, enquanto os demais 84,5% pertencem a faixa etária de 18 a 24 anos. Por outro lado, dentre as pessoas com idade entre 15 e 17 anos tem-se que 42,9% tiveram experiência anterior de trabalho, sendo que os demais (57,1%) buscam pela primeira vez uma inserção no mercado de trabalho. Entre os jovens adultos, com idade entre 18 e 24 anos, 69,1% tiveram experiência anterior de trabalho, enquanto que os demais (30,9%) procuram trabalho pela primeira vez.

Tabela1 – Indicadores do mercado de trabalho juvenil da cidade de Salvador

Indicador	Taxa	Indicador	Taxa
Taxa de participação	62,9	PIA ocupada	38,9
Taxa de ocupação	61,9	PIA desempregada	23,9
Taxa de desemprego	38,1	PIA inativa	37,2
Taxa de inatividade	37,1	TOTAL	100.0

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBa, Setras

Esse quadro global naturalmente esconde uma realidade muito desigual para aqueles que apenas iniciam uma nova etapa de suas vidas, mas encontram-se desde então expostos a um mercado de trabalho que não poupa idade, sexo e cor, com seus padrões de exigência. Com auxílio da tabela 2, algumas dessas desigualdades podem ser visualizadas segundo o sexo, a cor, faixas de

escolaridades e faixas etárias dos jovens. Assim é que, considerando-se a população compreendida entre 15 e 24 anos, a taxa de participação é mais elevada para o homem (67,4%) que para a mulher (58,8%); por outro lado, as taxas de desemprego e de inatividade são menos elevadas para o homem que para a mulher (respectivamente 35,7% e 32,6% contra 40,5% e 41,2%).

Em relação à cor, tem-se que taxa de participação é inferior em 10,9 pontos percentuais para os brancos em relação aos negros. A taxa de desemprego é menor para os brancos (34,8%) em relação aos negros (38,7%), enquanto a taxa de inatividade é menor para os negros (35,1%) que para os brancos (46,0%). Os negros são, portanto, mais presentes no mercado de trabalho, mas também se encontram relativamente mais desempregados.

Em termos de escolaridade, tem-se que a taxa de participação é mais elevada para as pessoas que detêm pelo menos o segundo grau completo (75,4%), ficando a menor taxa de participação para aqueles que compõem a faixa do primeiro grau completo e segundo grau incompleto, numa demonstração de que há uma escolha deliberada nessa faixa para a continuidade de uma escolaridade e qualificação, provavelmente porque é nessa faixa de escolaridade que se encontra a mais elevada taxa de desemprego (44,8%). Interessante notar que as mais baixas taxas de desemprego encontram-se nas faixas extremas de escolaridade, ou seja, analfabetos (31,1%) e segundo grau completo e mais (32,0%). Quanto à taxa de inatividade, tem-se a mais baixa para aqueles que compõem a faixa de escolaridade do segundo grau completo e mais (24,6%), em seguida tem-se os analfabetos (34,9%), os que possuem o primeiro grau incompleto (39,7%) e finalmente os que possuem escolaridade entre o primeiro grau completo e segundo grau incompleto (44,9%).

Ainda com o auxílio da tabela 2, pode-se observar que a taxa de participação é mais elevada para as pessoas com idade entre 18 e 24 anos (74,7%) que para aquelas com idade entre 15 e 17 anos (36,8%), essa grande diferença denota que a passagem do fim da adolescência para o início da idade adulta representa efetivamente um rito de passagem da inatividade para o mundo do trabalho, alterando de maneira significativa a forma e a qualidade da inserção dessas pessoas no mercado de trabalho.

Tabela 2 – Indicadores do mercado de trabalho juvenil de Salvado por sexo, cor, faixas de escolaridade e etárias

Especificação	Taxas			
	Participação	Ocupação	Desemprego	Inatividade
Sexo				
Mulher	58,8	59,5	40,5	41,2
Homem	67,4	64,3	35,7	32,6
Cor				
Negros	64,9	61,3	38,7	35,1
Branco	54,0	65,2	34,8	46,0
Escolaridade				
Analfabetos	65,1	68,9	31,1	34,9
1º grau incompleto	60,7	59,6	40,4	39,7
1º grau completo e 2º grau incompleto	55,1	55,2	44,8	44,9
2º grau completo e mais	75,4	68,0	32,0	24,6
Faixas etárias				
15 a 17 anos	36,8	52,3	47,7	63,2
18 a 24 anos	74,7	64,1	35,9	25,3

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras

Entretanto uma elevada taxa de participação do jovem, sobretudo na faixa dos 18 aos 24 anos, não necessariamente se traduz em termos de ocupação, pois a taxa de desemprego apresenta-se elevada nos dois segmentos etários da juventude trabalhadora. Essa taxa mostra-se mais elevada (47,7%) para os adolescentes (com idade entre 15 e 17 anos) que para os jovens adultos (35,9%). Segundo o sexo, a taxa de desemprego foi calculada em 40,5% para as mulheres jovens e 35,7% para os homens jovens. Quanto à cor, têm-se também taxas de desemprego bastante altas,

ou seja, 38,7% para os negros e 34,8% para os brancos. Quando vista por faixa de escolaridade, a taxa de desemprego apresenta-se menos acentuada para os jovens analfabetos funcionais (com até dois anos de estudos formais) (31,1%) e para aqueles que possuem o segundo grau completo e mais (32,0%), essa é uma taxa superior a média encontrada para Salvador no mesmo período (23,2%).

Uma explicação para tão elevadas taxas de participação e de desemprego do jovem pode ser encontrada quando se observa um movimento de redução de postos de trabalho destinados a essas pessoas, de maneira que os avanços educacionais não necessariamente se traduzem, para a população jovem, em maior obtenção de emprego. A redução das oportunidades ocupacionais dos jovens passa a verificar-se, sobretudo na década de 90, nos setores tecnicamente mais modernos, fortalecendo o movimento de exclusão social, até então verificado apenas nos setores tradicionais da economia. Alta taxa de participação com pequena capacidade de absorção ocupacional da população jovem tem se traduzido, dessa forma, em elevada taxa de desemprego para esse importante contingente populacional.

2. Análise da população jovem em idade ativa

Essa parte do trabalho considera o corte analítico entre a ocupação, o desemprego e a inatividade. Nesse momento, esses segmentos da população em idade ativa são abordados segundo aspectos considerados como mais importantes para cada um deles.

2.1 – A ocupação dos jovens

A população de ocupados na faixa dos 15 a 24 anos em Salvador, de acordo com os dados da PED, corresponde a 23,2% do conjunto global de ocupados. Esse percentual encontra-se distribuído 3,6% para as pessoas na faixa dos 15 aos 17 anos e 19,6% para a faixa dos 18 anos 24 anos. A população jovem ocupada representa, portanto, um percentual global bastante significativo dos ocupados de Salvador, ou seja, quase $\frac{1}{4}$ dos ocupados dessa cidade é constituído de pessoas jovens entre 15 e 24 anos. No que se refere ao sexo, tem-se que 47,5% do total dos ocupados jovens são mulheres e 52,5% são homens; no quesito cor, observa-se que 83,2% dos jovens

são negros e 16,7% são brancos. Considerando o total dos jovens ocupados tem-se que a faixa etária com idade entre 15 e 17 anos representa 15,7%, enquanto a faixa entre 18 e 24 anos constitui 84,6% do total de jovens. Finalmente, quanto a posição na ocupação, 59,7% dos jovens trabalhadores são assalariados e 40,3% recebem através de outras formas de remuneração.

2.2 – Escolaridade por sexo, cor, faixa etária e posição na ocupação

As faixas de escolaridade, desagregadas por sexo, permitem revelar que as mulheres mostram-se mais escolarizadas que os homens, grande parte delas possui o 2º grau completo e mais (35,6%), enquanto que a maior parte dos homens tem apenas 1º grau incompleto (37,4%), sendo que entre os analfabetos funcionais 54,7% são homens, contra 45,3% de mulheres que se encontram nessa mesma situação.

O cruzamento da escolaridade segundo a cor mostra que, do total de analfabetos funcionais 93,5% dos adolescentes são negros e apenas 6,4% são brancos. Dentre os negros a maioria tem 1º grau incompleto (37,6%), enquanto que a maioria dos brancos (55,5%) tem 2º grau completo e mais. O percentual de brancos com 2º grau completo e mais representa mais do dobro em relação aos negros nessa mesma condição de escolaridade (25,4%).

Classificando-se a população de ocupados entre 15 a 24 anos em duas faixas de 15 a 17 e de 18 a 24 anos, tem-se que a maioria encontra-se na segunda faixa (84,6%). Isso porque é a partir dos 18 anos que os jovens inserem-se efetivamente no mercado de trabalho. Quanto à escolaridade, observou-se que a maioria dos adolescentes de 15 a 17 anos tem 1º grau incompleto (53,3%); já entre 18 e 24 anos, uma grande parte detém o 2º grau completo e mais (35,7%). Essas pessoas são seguidas de perto pelas que têm apenas o 1º grau incompleto (30,9%).

Do total de adolescentes, 59,7% são assalariados e 40,3% são não assalariados. Tomando-se as posições de assalariados e não assalariados em relação a escolaridade, a maioria dos assalariados possui 2º grau completo e mais (42,8%), enquanto que a maior parte dos não assalariados tem 1º grau incompleto (47,0%). Dentre os que têm maior número de anos de estudo 84,10% são assalariados, e entre os analfabetos funcionais 69,3% são não assalariados.

A tabela 3 oferece uma possibilidade de comparação dos níveis de escolaridade entre a população jovem ocupada e o total de ocupados de Salvador. Percebe-se assim que as mulheres jovens mostram-se menos analfabetas que o total de mulheres da Cidade do Salvador. No outro extremo de escolaridade, tem-se que o percentual de mulheres jovens com segundo grau completo e mais (35,6%) é menor que o percentual do total de mulheres ocupadas em Salvador na mesma condição de escolaridade. As mulheres jovens mostram-se assim, ao mesmo tempo, menos analfabetas e menos escolarizadas em relação ao total de mulheres ocupadas em Salvador. Apesar do menor nível de analfabetismo, esse números mostram que a escolaridade das mulheres jovens não chega a alcançar o padrão já verificado pelas mulheres de Salvador como um todo.

Tabela 3 - Escolaridade dos ocupados de Salvador por sexo, cor e faixa etária

Especificação	sexo		cor	
	Mulher	Homem	Negros	Brancos
Analfabetos funcionais				
Jovens	12,5	13,6	14,7	5,0
Total	14,5	14,7	17,1	5,3
1° grau incompleto				
Jovens	31,0	37,4	37,6	18,3
Total	23,0	27,1	28,7	11,7
1° grau comp. E 2° grau incomp.				
Jovens	20,9	23,3	22,4	21,2
Total	13,5	17,2	16,4	11,8
2° grau completo e mais				
Jovens	35,6	25,7	25,4	55,5
Total	49,0	41,0	37,7	71,3

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras.

Em comparação às mulheres, os homens mostram uma realidade distinta, ou seja, a proporção de jovens analfabetos do sexo masculino é similar à dos homens analfabetos do total de ocupados

de Salvador. Entretanto, a participação desses jovens mostra-se mais freqüente nas duas faixas centrais de escolaridade e menos na última faixa de escolaridade. A distribuição racial em termos de escolaridade é praticamente a mesma quando comparados os ocupados negros e brancos jovens com o total de negros e brancos ocupados de Salvador.

2.3 – Horas semanais de trabalho

Considerando a variável “horas semanais de trabalho”, pela ótica do sexo, percebe-se que essas horas são bastante eqüitativas entre as três faixas consideradas (1 a 20 h, 21 a 44 h e 44 h e mais). Dentre os que estão na segunda e terceira faixas os homens trabalham mais horas que as mulheres (55,2% e 52,4% respectivamente), enquanto que na primeira faixa as mulheres são maioria (52,6%). Em pesquisa recente percebe-se que a mulher, relativamente ao homem, trabalha menor quantidade de horas semanais, porém ela aparece proporcionalmente mais em uma ocupação adicional, de forma que trabalhar menos horas no trabalho principal (campo de observação desta pesquisa), não necessariamente significa trabalhar menos no conjunto das ocupações, isso porque as mulheres exercem relativamente mais uma ocupação adicional.

Quando relacionada com a cor, o número de horas mostra que os negros trabalham mais que os brancos, sendo que a maioria dos negros trabalha mais de 44 h (46,6%) e a maioria dos brancos de 21 a 44 h (47,4%).

Na faixa de horas semanais de trabalho de até 20 horas encontram-se mais presentes os jovens com 2º grau completo e mais (37,7%); na faixa entre 21 e 44 horas semanais de trabalho a maior freqüência é também de jovens com 2º grau completo. Entretanto, aqueles que trabalham mais de 44 horas semanais possuem preferencialmente o 1º grau incompleto.

Por outro lado, dentre os jovens analfabetos, 60,1% trabalham mais de 44 horas semanais; nessa mesma condição de jornada de trabalho também se encontram 56,0% dos que possuem o 1º grau incompleto e 39,7% dos jovens com escolaridade entre o 1º grau completo e o 2º grau incompleto. Dentre os jovens que possuem o 2º grau completo e mais, 51,9% trabalham entre 21 e 44

horas por semana. É bom lembrar que é nessa última faixa de escolaridade que se enquadram os estagiários, posição característica de estudantes dentro das ocupações.

Ao relacionar-se as horas semanais de trabalho com a posição na ocupação (assalariados, domésticos, conta-própria), tem-se que grande parte dos assalariados (45,8%) trabalha na faixa de 21 a 44 h. A maioria dos domésticos trabalha mais de 44 h (76,1%), enquanto os conta-própria distribuem-se mais igualmente entre as três faixas estabelecidas, sendo que no total de ocupados que trabalham até 20 h eles representam 29,7%. Cruzando-se as horas semanais de trabalho com as faixas de idade, pode-se observar que 86,3% do total de adolescentes, que trabalham maior número de horas, tem entre 18 e 24 anos.

2.4 – Principais ocupações dos jovens

As alternativas ocupacionais mais comuns entre os jovens são, grosso modo, bastante precárias, ou seja, tratam-se de ocupações que não exigem níveis elevados de qualificação, mas que vêm sendo preenchidas por pessoas com alguma escolaridade formal. Isso acontece em virtude do crescente movimento da escolaridade, sobretudo aquela ocorrida para a faixa dos 18 aos 24 anos. O número reduzido de ocupações absorvedoras de trabalhadores jovens faz com que se verifique uma intensificação da concorrência entre essas pessoas, fazendo até mesmo com que cresçam formas discriminadoras nesse segmento do mercado de trabalho.

A tabela 4 mostra os dez principais grupos de ocupação que são exercidas pelos jovens em Salvador. Essas ocupações representam 68,8% do total das ocupações de jovens em Salvador. O grupo de empregados domésticos é o principal (20,5%). Nesse grupo estão as cozinheiras, faxineiras, passadeiras, babás, acompanhantes de idosos, lavadeiras, jardineiros, motoristas, que exercem seu trabalho no âmbito do domicílio. Os estagiários são o segundo grupo com 10,0% dos jovens. Nesta categoria incluem-se todos os estagiários de nível médio e superior, além do grupo de aprendiz, que engloba o trabalho de adolescentes em oficinas, ONGs, associações comunitárias, etc. Essa observação fica fortalecida quando se observa que nos últimos anos vem crescendo o número de empresas

que contratam jovens universitários com jornada semanal de 36 a 48 h, para que exerçam as mais diversas funções, na categoria de estagiários, o que reduz o custo com o empregado.

Tabela 4 - Principais ocupações dos jovens de Salvador

Ocupações	percentual
1. Domésticos	20,5
2. Estagiários	10,0
3. Vendedores	6,6
4. Servente de pedreiro e trabalhador braçal	6,3
5. Vendedor ambulante	5,0
6. Copeiro, garçom, atendente de bar e lanchonete	4,6
7. Balconista no comércio	4,4
8. Auxiliar de escritório	4,3
9. Caixa e auxiliar de contabilidade	3,6
10. Faxineiro, lixeiro e serviços gerais	3,5
TOTAL	68,8

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBa, Setras

Os vendedores de jornais, revistas etc., vêm em terceiro lugar (6,6%), seguidos dos serventes de pedreiros e trabalhadores braçais (6,3%) e dos vendedores ambulantes (5,0%) dos quais fazem parte os baleiros, fruteiros, bilheteiros, feirantes, cosméticos, etc. Os outros grupos ocupacionais copeiros, balconistas no comércio, auxiliares de escritório, caixas e faxineiros completam o conjunto das dez principais ocupações.

A tabela 5 apresenta as faixas de escolaridade por grupos de ocupações dos jovens na Cidade do Salvador. Fica evidenciado que os jovens com menor número de anos de estudo ocupam as posições de trabalho mais precário, como serventes de pedreiro e trabalhador braçal e serviços domésticos, enquanto que os que têm maior número de anos de estudos estão alocados em outras posições tais como auxiliares de escritório, estagiários e caixas. No quesito sexo as mulheres são maioria nos serviços domésticos, estágios, auxiliares de escritório, caixas e auxiliares de contabilidade; enquanto os homens aparecem mais freqüentemente entre os vendedores, trabalhadores braçais, vendedores ambulantes, garçons e atendentes

de bar e lanchonete, balconista no comércio e faxineiros. Vale salientar que 98,2% dos trabalhadores jovens domésticos são mulheres e 99,0% dos trabalhadores braçais jovens são homens.

Tabela 5 - Faixas de escolaridade por grupos de ocupação dos jovens de Salvador (%)

Ocupações	(1)	(2)	(3)	(4)
1. Domésticos	28,8	54,5	14,0	2,7
2. Estagiários	0,7	4,5	31,2	63,5
3. Vendedores	6,9	28,5	27,4	37,1
4. Servente de pedreiro e Trabalhador braçal	35,2	50,8	11,5	2,5
5. Vendedor ambulante	26,6	47,9	18,7	6,8
6. Copeiro, garçom, atendente de Bar lanchonete	9,8	47,8	32,9	9,5
7. Balconista no comércio	6,7	35,5	30,3	27,5
8. Auxiliar de escritório	0,8	7,0	21,9	70,4
9. Caixa/auxiliar de contabilidade	1,6	10,5	25,0	63,0
10. Faxineiro, lixeiro e serviços gerais	17,3	55,1	23,5	4,1

(1) Analfabeto funcional; (2) 1º grau incompleto; (3) 1º grau completo e 2º grau incompleto; 2º grau completo e mais

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBa, Setras

Observando os principais grupos ocupacionais em uma perspectiva da cor fica evidenciado que os jovens negros, por disporem de escolaridade menos elevada, ocupam os postos de trabalho mais precários (trabalhadores braçais, faxineiros, domésticos e vendedores ambulantes), enquanto que os brancos inserem-se como estagiários, auxiliares de escritório, auxiliares de contabilidade (tabela 6). O único grupo de ocupação em que há um equilíbrio com a composição étnica da cidade é o de balconista no comércio em que os jovens alocados têm entre 1º grau incompleto e 1º grau completo, o que indica que de modo geral o mercado de

trabalho reflete uma exclusão social anterior, a qual encontra-se diretamente ligada ao acesso da criança à escola.

Tabela 6 - Principais ocupações dos jovens de Salvador por cor

Ocupações	Negros	Branços
1. Domésticos	92,8	7,1
2. Estagiários	67,2	32,7
3. Vendedores	75,4	24,5
4. Servente de pedreiro e Trabalhador braçal	94,2	5,8
5. Vendedor ambulante	90,6	9,2
6. Copeiro, garçom, atendente de bar e lanchonete	86,7	13,3
7. Balconista no comércio	79,3	20,3
8. Auxiliar de escritório	72,5	27,4
9. Caixa/auxiliar de contabilidade	74,8	25,2
10. Faxineiro, lixeiro e serviços gerais	93,10	6,9

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBa, Setras

2.5 – Rendimentos dos ocupados jovens

A distribuição da renda dos jovens de Salvador encontra-se em um quadro de acentuada desigualdade. Essa desigualdade distributiva, como pode ser vista na tabela 7, aparece tanto entre as faixas etárias selecionadas, bem como em termos de posição na ocupação, níveis de escolaridade, sexo e cor. Uma leitura dessa tabela permite verificar que, à medida que os jovens pulam da condição de adolescentes para a condição de jovens adultos reduz a participação relativa na faixa de rendimentos que ganha até um salário mínimo, mesmo assim é forte a participação dos jovens adultos nessa faixa de rendimentos (46,0%). Tem-se ainda que 22,4% dos jovens adultos recebem mais de dois salários mínimos, quando para os adolescentes esse percentual é de apenas 1,9%.

**Tabela 7 - Faixas de rendimentos dos jovens de Salvador
por alguns atributos pessoais
%**

Especificação	Salários mínimos		
	Até 1	.> 1 e ≥ 2	> 2
Faixas etárias			
Adolescentes (15 a 17 anos)	88,6	9,5	1,9
Jovens Adultos (18 a 24 anos)	46,0	21,5	22,4
Posição na ocupação			
Assalariado	36,8	37,4	25,9
Não assalariado	76,3	14,4	9,3
Faixas de escolaridade			
Analfabetos funcionais	77,2	19,0	3,8
1º grau incompleto	67,7	24,8	7,5
1º grau completo e 2º grau incompleto	53,1	31,5	15,4
2º grau completo e mais	24,3	33,2	42,5
Sexo			
Mulher	61,5	23,8	14,7
Homem	44,6	32,0	23,4
Cor			
Negro	56,0	28,2	15,8
Branco	36,2	27,6	36,2

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras

Ainda analisando a tabela 7, percebe-se que os não assalariados encontram-se mais concentrados na faixa de rendimentos de até um salário mínimo (76,3%), enquanto os assalariados aparecem mais distribuídos nas faixas de rendimentos, de maneira que 25,9% deles ganham mais de dois salários mínimos, contra apenas 9,3% dos não assalariados.

Em termos de escolaridade fica nítida a contribuição dessa variável nos rendimentos dos jovens trabalhadores. O percentual de jovens apresenta-se decrescente à medida que o nível de escolaridade se eleva, ou seja, 77,2% dos analfabetos funcionais (com até dois anos de estudos formais) recebem até um salário mínimo. Para aqueles que têm o primeiro grau incompleto esse percentual diminui para 67,7%, para os que detêm um nível de escolaridade entre o primeiro grau completo e o segundo incompleto esse percentual passa para 53,1% e para os que conseguiram completar o segundo grau ou mesmo alcançaram um nível superior de escolaridade o percentual ganhando até um salário mínimo é de 24,3%.

O sexo e a cor também são atributos que evidenciam desigualdade distributiva. Assim é que, enquanto 61,5% das jovens mulheres ganham até um salário mínimo, esse percentual é de 44,6% para os jovens do sexo masculino. No extremo oposto dos rendimentos, faixa dos que recebem mais de dois salários mínimos, a situação se inverte, ou seja, o percentual das mulheres (14,7%) é inferior ao percentual de homens (23,4%). Tem-se assim uma situação socialmente desfavorável para as jovens mulheres, pois apesar de serem mais escolarizadas, elas encontram-se mais desempregadas e recebem menos que os homens.

Quanto ao atributo cor, tem-se que os jovens negros ganham relativamente menos que os jovens brancos. Tem-se assim um percentual de jovens negros na faixa de rendimentos de até um salário mínimo (56,0%) mais elevado que o percentual de jovens brancos na mesma faixa de rendimentos (36,2%), enquanto que na faixa mais elevada de rendimentos esses percentuais também se invertem, ou seja, dentre os jovens negros apenas 15,8% ganham dois ou mais salários mínimos, quando esse percentual é de 36,2% para os jovens brancos.

3. Desemprego do jovem

Desemprego e precariedade das condições de trabalho encontram-se bastante presentes no trabalho juvenil de Salvador. Se por um lado cresce o número de postos de trabalho em tempo parcial, temporário e/ou por tempo determinado para os jovens; por outro, aparece também o desemprego impondo uma sistemática perversa de regulação do mercado de trabalho dessas pessoas. Como será apresentado nessa parte do trabalho, esse desemprego aflige

esse contingente de trabalhadores de maneira muito desigual. Ele é mais acentuado para os menos escolarizados, para as mulheres e para os negros. Por outro lado, a duração do desemprego mostra-se bastante elevada e diferenciada segundo os atributos pessoais dessa população. Por fim, as formas de sobrevivência mostram-se dentro de perfis bastante heterogêneos segundo esses mesmos atributos.

3.1 – Escolaridade dos desempregados jovens

A composição das mulheres desempregadas segundo a escolaridade apresenta, relativamente aos homens na mesma condição, um perfil mais concentrado no nível mais elevado de educação formal, ou seja, na faixa do segundo grau completo e mais (tabela 8). Para os homens desempregados a maior concentração encontra-se na faixa do primeiro grau incompleto.

Quanto à cor, tem-se que a escolaridade dos negros desempregados encontra-se mais concentrada na faixa do primeiro grau incompleto (36,0%); enquanto que os brancos figuram mais na faixa do segundo grau completo e mais (53,1%), em contrapartida, nessa faixa, estão presentes apenas 25,4% dos negros.

Os adolescentes encontram-se fundamentalmente na faixa de escolaridade referente ao primeiro grau incompleto, ficando, como era de se esperar para essa faixa etária, apenas 1,9% na faixa do segundo grau completo e mais. Os jovens adultos (entre 18 e 24 anos) ficam mais uniformemente distribuídos nas faixas de escolaridade, mesmo assim 8,5% são analfabetos funcionais.

Tabela 8 - Escolaridade dos desempregados jovens de Salvador segundo o sexo, cor e faixa etária (em %)

Especificação	(1)		(2)		(3)		(4)	
	(5)	(6)	(5)	(6)	(5)	(6)	(5)	(6)
Sexo								
Mulher	6,5	10,9	32,4	29,4	32,0	23,9	29,2	35,8
Homem	13,1	17,8	43,8	38,0	26,3	21,7	16,8	22,5
Cor								
Negros	10,7	15,6	40,7	36,0	29,2	23,0	19,4	25,4
Branços	3,4	8,1	20,7	18,6	29,7	22,1	46,1	53,1
Faixas etárias								
15 a 17 anos	13,5	13,5	56,8	56,8	27,9	27,9	1,9	1,9
18 a 24 anos	8,5	8,5	32,2	32,2	29,7	29,7	29,6	29,6

(1) Analfabetos funcionais; (2) 1º grau incompleto; (3) 1º grau incompleto e 2º grau incompleto; (4) 2º grau completo e mais; (5) jovens; (6) total

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras.

3.2 – Duração do desemprego jovem

De acordo com a tabela 9, o tempo médio de desemprego dos jovens mostra-se elevado (10,9 meses), porém muito inferior ao tempo médio do conjunto da população desempregada de Salvador, que é de 20,1 meses; da mesma forma, a variação do desemprego da população jovem mostra-se muito próxima da média (12,8 meses), enquanto que para o total da população o desvio em torno da média é muito mais elevado (30 meses).

Tabela 9 - Tempo médio e desvio padrão de desemprego dos jovens em Salvador (em meses)

Especificação	(1)	(2)	(3)	(4)
População Jovem	10,9	12,8	20,1	30,0
Faixas etárias				
15 a 17 anos	7,7	9,5		
18 a 24 anos	11,5	13,2		
Sexo				
Mulher	11,5	13,5	22,8	34,0
Homem	10,2	11,9	17,3	24,5
Cor				
Negros	10,9	12,8	20,1	29,8
Branços	11,1	12,5	20,3	30,9
Escolaridade				
Analfabetos	10,0	13,4	22,2	36,5
1º grau incompleto	10,7	13,0	18,4	28,4
1º grau completo e 2º grau incompleto	11,7	13,0	19,4	27,1
2º grau completo e mais	10,8	11,7	21,5	29,8

(1) Tempo de desemprego jovem; (2) desvio padrão; (3) tempo de desemprego total; (4) desvio padrão

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras

O tempo de desemprego do jovem adulto (11,5 meses) mostra-se maior que o tempo de desemprego do adolescente (7,7 meses). Visto por sexo, o tempo de desemprego dos homens (10,2 meses) é menos elevado que o das mulheres (11,5 meses), além disso, a variação desse tempo em torno da média é mais elevada para a mulher (13,5 meses) que para o homem (11,9 meses). O tempo de desemprego dos jovens, homens ou mulheres, é, no entanto,

bastante inferior ao tempo de desemprego da população como um todo (22,8 meses).

O tempo de desemprego do jovem negro (10,9 meses) é relativamente igual ao do jovem branco (11,1 meses), mas, tanto para jovens negros quanto para jovens brancos, esse tempo de desemprego é muito inferior quando comparado ao tempo de desemprego de negros (20,1 meses) e brancos (20,3 meses) da população como um todo. Segundo a escolaridade, o tempo médio de desemprego é relativamente o mesmo para todas as faixas, o que não acontece para a população de Salvador como um todo; entretanto, relativamente a essa população, esse tempo de desemprego apresenta-se bastante inferior.

A tabela 10 mostra que o desemprego de curto e longo prazo foi, no período analisado, praticamente o mesmo para as mulheres e para os homens. Entretanto, quando visto pelo ângulo da cor, percebe-se um desequilíbrio no desemprego entre negros e brancos, pois os negros, compondo 80,0% da população da RMS, registraram 86,3% do desemprego de curto prazo e 85,6% do desemprego de médio prazo.

Em relação à escolaridade, pode-se observar que os mais elevados percentuais de desemprego de curto (42,5%) e médio (39,0%) prazos encontram-se na faixa do primeiro grau incompleto, enquanto os menores percentuais de desemprego de curto e médio prazo pertencem aos analfabetos, ou seja, parece existir uma maior rotação das pessoas que compõem essa faixa de escolaridade no desemprego. Pode-se ainda observar que o percentual de pessoas na condição de desemprego de curto e médio prazos é decrescente com o aumento do nível de escolaridade, excetuando-se os analfabetos que mostraram um percentual de desempregados inferior a média.

Tabela 10 - Proporção dos desempregados jovens de Salvador de curto e médio prazos por sexo, cor e faixas de escolaridade e etárias (em %)

Especificação	População Jovem		
	Curto prazo	Médio prazo	Média
Sexo			
Mulheres	48,4	51,8	50,6
Homens	51,6	48,2	49,4
Cor			
Negros	86,3	85,6	85,9
Branco	13,7	14,4	14,1
Escolaridade			
Analfabetos	13,0	10,3	11,2
1º grau incompleto	42,5	39,0	40,1
1º grau completo e 2º grau incompleto	21,6	26,1	24,6
2º grau completo e mais	23,0	24,6	24,1
Faixas etárias			
15 a 17 anos	19,2	13,7	15,5
18 a 24 anos	80,8	86,8	84,5

(1) Curto prazo: até 3 meses; (2) médio prazo: mais de 3 meses

Fonte : PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras

3.3 – Formas de sobrevivência do jovem desempregado

As formas de sobrevivência dos jovens desempregados revelam algumas diferenças essenciais, as quais estão estruturalmente presentes na realidade da Cidade do Salvador. Em primeiro lugar, é interessante notar que as principais formas de sobrevivência dos jovens desempregados evidenciam situações não institucionalizadas. Na análise que se segue, é preciso chamar atenção que a soma dos percentuais ultrapassa os 100,0%, isso porque cada indivíduo desempregado, que responde o questionário,

tem direito a apontar duas dentre as possibilidades oferecidas. A tabela 11 ajuda a esclarecer esse ponto.

Tabela 11 - Formas de sobrevivência dos jovens desempregados de Salvador (em %)

Especificação	(1).	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Percentual dos Desempregados	67,1	54,2	21,4	0,7	0,9	0,3	2,2
Sexo							
Mulher	55,1	53,9	32,3	28,4	37,0	66,7	46,7
Homem	44,9	46,1	37,7	71,6	63,0	33,3	53,3
Cor							
Negros	84,9	84,0	89,0	82,4	87,0	78,8	84,4
Branços	15,1	16,0	11,0	17,6	13,0	21,2	15,6
Escolaridade							
Analfabetos	8,1	10,2	15,6	10,8	2,2	0,0	9,3
1º grau incompleto	37,0	36,5	47,6	31,1	26,1	36,4	38,7
1º grau completo e 2º grau incompleto	31,2	28,8	22,1	25,7	30,4	21,2	23,6
2º grau completo e mais	23,7	24,5	14,7	32,4	41,3	42,4	28,4
Faixas etárias							
15 a 17 anos	24,9	22,0	18,0	2,7	1,1	12,1	10,7
18 a 24 anos	75,1	78,0	82,0	97,8	98,9	87,9	89,3

(1) Familiares trabalham; (2) parentes ajudam (3) trabalho irregular; (4) FGTS; (5) seguro desemprego; (6) aposentadoria e pensão; (7) outro meio.

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBA, Setras.

Assim é que, 67,1% dos jovens desempregados usam o auxílio de familiares que trabalham, 54,2% recebem ajuda de parentes e 21,4% sobrevivem por meio de trabalhos irregulares. Com percentuais bem inferiores aparecem as opções mais formalizadas,

tais como seguro desemprego (0,9%), FGTS (0,7%) e aposentadorias e pensões, meios utilizados por apenas 0,3% dos jovens desempregados.

Em segundo lugar, percebe-se que as formas de sobrevivência menos institucionalizadas encontram-se mais presentes nas populações jovens feminina, negra e menos escolarizada, muito embora os indivíduos negros utilizem, mais que proporcionalmente ao peso relativo que possuem na população como um todo, o seguro desemprego (87,0%) e mesmo o FGTS (82,4%). Vale destacar ainda que os adolescentes (com idade entre 15 e 17 anos) usam mais dos expedientes familiares e trabalhos irregulares, enquanto os jovens adultos são mais usuários das opções mais formalizadas (FGTS, seguro desemprego e aposentadorias e pensões). Entretanto, em virtude do peso relativo das opções de sobrevivência, pode-se concluir que o grosso dos jovens desempregados encontra os mecanismos mais freqüentes de sobrevivência na informalidade do seio familiar e na do trabalho irregular.

3.4 – Inatividade do jovem

A inatividade econômica é encontrada pela diferença entre a população em idade ativa (PIA) e a população economicamente ativa (PEA). A PED-RMS considera a PIA como composta de pessoas com 10 anos e mais de idade, enquanto que a PEA encontra-se formada de pessoas ocupadas ou desempregadas. Dessa forma, a inatividade econômica representa, por parte das pessoas que se encontram nessa condição, uma ausência de qualquer tipo de pressão sobre o mercado de trabalho. São três os fluxos que alimentam a inatividade econômica. O primeiro fluxo se apresenta quando as pessoas alcançam a idade mínima para entrar na PIA, ou seja, 10 anos, e não possuem ocupação ou não procuram trabalho. A partir da entrada na PIA, dois outros fluxos passam a alimentar a inatividade econômica: um fluxo constituído de pessoas antes ocupadas mas sem exercer qualquer tipo de busca por um trabalho e outro fluxo composto de pessoas que se encontram desempregadas mas param as buscas por uma ocupação. A inatividade econômica fica então composta de pessoas sem ocupação econômica, sem procura de trabalho, sem necessidade de trabalhar e sem disponibilidade para o trabalho.

A inatividade da população jovem de Salvador é mais feminina que masculina, pois essa faixa etária encontra-se composta de 58,6% de mulheres e de 41,4% de homens. Em termos de cor, ela se apresenta relativamente mais composta de pessoas brancas (22,9%) que negras (77,1%), já que os negros respondem por 80,0% da população de Salvador. Quando vista por faixa etária, a inatividade econômica dos jovens de Salvador é formada por 53,0% de pessoas na faixa etária dos 15 aos 17 anos e 47,0% de pessoas na faixa dos 18 aos 24 anos.

Os inativos analfabetos constituem 10,6% da população jovem inativa, 39,7% dos jovens inativos encontram-se na faixa de escolaridade do primeiro grau incompleto e 15,3% dos jovens inativos detêm uma escolaridade que vai do segundo grau completo e alcança o nível universitário. Uma análise da tabela 12 mostra que a faixa etária dos 15 aos 17 anos encontra-se mais presente nos níveis de escolaridade do primeiro grau incompleto (49,8%) e primeiro grau completo e segundo incompleto (37,9%), enquanto que a faixa etária dos 18 aos 24 anos compõe mais níveis de escolaridade do segundo grau completo e mais (30,9%) e primeiro grau completo e segundo grau incompleto (30,3%).

Ainda avaliando a tabela 12, pode-se observar que o perfil de escolaridade dos jovens economicamente inativos é bastante diferenciado em relação a inatividade da população de Salvador como um todo. Dessa forma, quando em Salvador 27,8% das mulheres inativas podem ser consideradas como analfabetas funcionais (até dois anos de escolaridade), enquanto que entre as mulheres jovens esse percentual é de apenas 10,0%. Esse mesmo movimento encontra-se presente quando se compara a população inativa jovem masculina (11,6%) com a população inativa masculina de Salvador (30,2%).

A população inativa jovem, tanto feminina quanto masculina, encontra-se mais concentrada nas faixas do primeiro grau incompleto e do primeiro grau completo e segundo grau incompleto, enquanto que a população inativa de Salvador como um todo se encontra mais concentrada nas faixas de primeiro grau incompleto e de analfabetos funcionais. Essas informações permitem concluir que existe um movimento em crescendo dos níveis de escolaridade da população inativa de Salvador, que acontece através dos jovens inativos, já que esses jovens mostram-se, em média, mais escolarizados que a população inativa como um todo.

Tabela 12 - Escolaridade dos inativos jovens de Salvador, segundo sexo, cor e faixa etária (em %)

Especificação	(1)	(2)		(3)		(4)		(5)	
		(6)	(7)	(6)	(7)	(6)	(7)	(6)	(7)
Sexo									
Mulher	58,6	10,0	27,8	39,2	37,5	35,3	15,7	15,5	19,0
Homem	41,4	11,6	30,2	40,4	39,7	32,8	14,8	15,2	15,3
Cor									
Negros	77,1	12,6	32,6	45,4	40,4	31,1	13,9	10,9	13,0
Branco	22,9	4,1	15,2	20,7	18,6	45,1	20,3	30,2	33,3
Idade									
15 a 17 anos	53,0	10,7		49,8		37,9		1,6	
18 a 24 anos	47,0	10,6		28,3		30,3		30,8	

(1) Participação relativa; (2) analfabetos funcionais; (3) 1º grau completo; (4) 1º grau completo e 2º incompleto; (5) 2º grau completo e mais; (6) jovens; (7) total

Fonte: PED-RMS, Sei, Seade-Dieese, UFBa, Setras

Em termos de cor, pode-se também verificar uma desigualdade relativa no seio da população inativa jovem em relação a população inativa de Salvador como um todo. Tem-se assim que 12,6% dos negros inativos são analfabetos funcionais, quanto esse percentual é de apenas 4,1% para os jovens brancos. Quando comparados aos percentuais de Salvador percebe-se ainda uma grande diferença, pois a relação entre inativos analfabetos jovens e inativos analfabetos de Salvador foi de 38,7% para os negros e de 27,0% para os brancos, o que significa dizer que existem proporcionalmente mais jovens analfabetos inativos negros que brancos.

Por outro lado, os negros inativos encontram-se mais concentrados nas faixas de escolaridade do primeiro grau incompleto (45,4%) e do primeiro grau completo e segundo grau incompleto

(31,1%), quando a população inativa de Salvador como um todo encontra-se mais concentrada nas faixas de primeiro grau incompleto e analfabetos funcionais. Os jovens inativos brancos, por sua vez, encontram-se mais localizados nas faixas de escolaridade que do primeiro grau completo e segundo grau incompleto (45,1%) e do segundo grau completo e mais (30,2%), quando a população inativa de Salvador, como um todo, aparece mais distribuída nas faixas de escolaridade, com destaque para os 33,3% de brancos inativos na faixa do segundo grau completo e mais.

Eventualmente as pessoas economicamente inativas podem exercer alguma atividade econômica na forma de “bico”, que pelo caráter passageiro não chega a tirar a pessoa da inatividade, como é o caso de atividades que o indivíduo executa por que sobrou algum tempo em suas atividades não econômicas (estudos e afazeres domésticos, dentre outras).

A população inativa pode, portanto, em situações esporádicas, exercer alguma forma de trabalho excepcional. Nessa condição encontram-se 5,1% dos jovens inativos de Salvador. Dentre os inativos jovens com trabalho excepcional, tem-se que 76,8% trabalham até 20 horas semanais, enquanto que apenas 23,2% trabalham entre 20 e 40 horas semanais. Por essas atividades econômicas excepcionais (bico) costumam receber em média R\$ 21,32 e R\$ 53,04 respectivamente para as faixas etárias de 15 a 17 anos e de 18 a 24 anos. Trata-se portanto de uma remuneração bastante baixa, que não possibilita a sobrevivência dessas pessoas, mas a própria existência dessa remuneração assegura desde então que alguma parte dos inativos guardam um perfil de ativos, os quais devem ser analisados com os devidos cuidados.

3. Determinantes dos rendimentos dos jovens

Em busca de um melhor entendimento a respeito da participação dos jovens no mercado de trabalho de Salvador, passa-se a analisar os principais determinantes dos seus rendimentos. Para tanto, fez-se uso de um modelo linear nos logaritmos e utilizou-se uma base expandida que considera informações no período de janeiro de 1997 a dezembro de 2000. Além de ser o modelo que melhor se ajustou aos dados, ele permite estimativas diretas das elasticidades da renda do trabalho em relação as variáveis contínuas.

Dessa forma, considerou-se o logaritmo da renda do trabalho principal (LR_i), em reais, em função de um conjunto de variáveis explicativas contínuas e binárias. As variáveis contínuas consideradas, todas logaritimadas, foram escolaridade ($LEsc_i$), esforço aplicado ao trabalho ($LEsf_i$), medido em horas mensais de trabalho, idade em anos ($LIda_i$), experiência³ ($LExp_i$) e estabilidade no emprego⁴ ($LEst_i$), todas medidas em anos. As variáveis binárias (qualitativas) utilizadas foram cor (C_i), posição familiar (P_i) e número de filhos menores (F_i), as quais assumem o valor um quando o jovem é respectivamente de cor branca, chefe de família e tem filho menor. Essas variáveis assumem o valor zero quando o jovem é de cor negra, não é chefe de família e não tem filho menor, respectivamente⁵. Assim, o modelo utilizado pode ser especificado da seguinte forma:

$$LR_i = \alpha + \beta_1 LEsc_i + \beta_2 LEsf_i + \beta_3 LIda_i + \beta_4 LExp_i + \beta_5 LEst_i + \beta_6 C_i + \beta_7 P_i + \beta_8 F_i + \varepsilon_i \quad (4.1)$$

onde α é o coeficiente linear (intercepto), β_j ($j = 1, \dots, 8$) são os coeficientes dos atributos produtivos e não produtivos e ε_i é o distúrbio, o qual é admitido ser independente e normalmente distribuído, com média igual a zero e variância σ^2 . Os resultados do ajustamento do modelo (4.1) podem ser encontrados no quadro 1.

O rendimento do jovem ocupado em Salvador mostrou-se diretamente relacionado com a idade. A importância dessa variável para a formação dos rendimentos dos jovens ocupados de Salvador fica garantida pela mais alta elasticidade, que foi de 0,787, assim

³ Avaliada com base na diferença entre a idade e o tempo necessário para educação (investimento em capital humano) gasto para na escola mais o tempo na atividade principal e atual do trabalhador. Essa experiência pode ser considerada como uma *proxy* para o *learning by doing*, embora com algum viés, tendo em vista que os jovens que ficaram desempregados por algum período de tempo ou retiraram-se do mercado de trabalho temporariamente para cuidar de seus filhos aparecerem com uma experiência maior.

⁴ Avaliada tomando-se por base o tempo no emprego ou atividade (principal) atual do trabalhador.

⁵ A cor e a posição familiar, dois atributos pessoais bastante utilizados em estudos empíricos, foram introduzidos na regressão por terem se mostrado, em estudos econométricos anteriores, significativamente importantes na determinação do rendimento dos trabalhadores.

como pela estatística *t* de 15,83. Essa alta elasticidade da idade permite concluir que o rendimento do jovem tem origem em ocupações não qualificadas que exigem vigor físico. Fato esse que é comprovado pela baixa elasticidade da escolaridade.

O sinal positivo do parâmetro relativo ao esforço mostra que essa variável é positivamente correlacionada com o rendimento do jovem trabalhador de Salvador. Isso demonstra que o rendimento do trabalho jovem flutua na mesma direção das horas mensais de trabalho, o que é garantido pela maior estatística *t* (114,19). Essa variável mostra-se como o mais importante atributo produtivo na determinação dos rendimentos dos jovens de Salvador. Esse resultado pode estar revelando um padrão característico de exploração do jovem no mercado, na medida que, para essas pessoas, a garantia de maiores rendas está diretamente relacionada com um maior número de horas trabalhadas por mês.

O número de filhos menores apresentou-se como a terceira em importância, muito embora seu sinal seja negativo, o que significa dizer que a capacidade de ganhos dos jovens ocupados em Salvador diminui a medida em que o número de filhos aumenta. Esse sinal é garantido pela estatística *t* de -9,87.

Pelo fato dessas pessoas deterem maiores responsabilidades familiares, a posição familiar, como já era esperado, mostrou-se positiva e estatisticamente significativa (com estatística *t* de 7,85) na formação do rendimento do jovem, indicando que os jovens chefes de família comandam uma renda do trabalho maior, relativamente àqueles que não são chefes de família.

Surpreendentemente, a escolaridade figura em quinto lugar em termos de importância na explicação da determinação dos rendimentos dos jovens. A elasticidade dessa variável foi pequena (ou seja, 0,09) e a sua estatística *t* foi de 7,14. Isso significa dizer que para cada ponto percentual de aumento na escolaridade do jovem, contribui, quando ocupado, em apenas 0,09% para a formação do seu rendimento.

Quadro 1 - Determinantes do rendimento do trabalho juvenil em Salvador

Variável	β_i	σ	T	α
Constante	2,529	0,124	20,381	0,000
LN Escolaridade	0,09	0,013	7,135	0,000
LN Esforço	0,63	0,005	114,187	0,000
LN Idade	0,79	0,050	15,834	0,000
LN Experiência	0,05	0,011	4,531	0,000
LN Estabilidade	0,02	0,003	6,977	0,000
Cor	0,07	0,011	6,743	0,000
Posição familiar	0,10	0,013	7,846	0,000
Filho menor	-0,08	0,008	-9,869	0,000
N = 15.678				
R ² = 0,626				
F = 3.284,516 (0,000)				

β_i = parâmetros; σ = desvio padrão; t = teste t ; α = nível de significância

Fonte: estimado pelo autor a partir de dados da PED-RMS

O atributo pessoal cor foi positivo e estatisticamente significativo, com elasticidade igual a 0,07, indicando que a renda do trabalho é maior para os jovens brancos. Esse fato pode estar evidenciando um processo de discriminação de rendimento contra o jovem negro no mercado de trabalho de Salvador.

O atributo produtivo experiência mostrou-se estatisticamente importante (com estatística t de 4,53) e positivamente correlacionado com a renda do jovem. A elasticidade dessa variável foi de 0,05, de sorte que pode-se afirmar que para cada ponto percentual de aumento na experiência adquirida no mercado de trabalho, aumenta o rendimento do jovem em 0,05%. Esse resultado evidencia que esse mercado valoriza pouco a experiência do jovem.

A estabilidade na ocupação mostrou-se também positiva e estatisticamente correlacionada com o rendimento do trabalho do jovem, mas com uma pequeníssima elasticidade (0,02). Isso implica que os jovens que conseguem aumentar seus rendimentos são

aqueles que não mudam periodicamente de ocupação, de maneira que é favorável para essas pessoas uma maior permanência na ocupação que exercem. Dessa forma, os jovens que desejam aumentar suas rendas do trabalho são levados a se manterem no mesmo emprego, contribuindo para uma maior fidelidade à atividade e/ou empresa em que trabalham.

4. Sugestão de políticas

A passagem da inatividade para a atividade econômica constitui um verdadeiro rito para a população jovem. Essa passagem mostra-se diferenciada segundo o sexo, a cor, a faixa etária e/ou o nível de escolaridade alcançado. Uma preocupação específica, em termos de políticas sociais e econômicas, voltada a essa população, deve considerar essas formas de desagregação.

Com efeito, o segmento jovem do mercado de trabalho vem constituindo um importante foco de políticas sociais e econômicas. Para uma melhoria desse mercado de trabalho, faz-se necessário estabelecer políticas sociais e econômicas em um contexto maior, que levem em consideração as inovações tecnológicas, as flutuações da atividade econômica e os ditames do processo de globalização produtiva e financeira. Ademais, não se pode considerar a natureza do trabalho juvenil como uma problemática conjuntural. Ao contrário, esse tipo de trabalho constitui-se uma questão estrutural, que tem se verificado em diferentes países com distintos níveis de desenvolvimento.

Por outro lado, é preciso considerar que as determinações sobre o mercado de trabalho podem advir das condições de demanda e de oferta de trabalho. As primeiras encontram-se associadas aos processos estruturais (envolvendo elementos tecnológicos) e conjunturais de uma economia. Um esquecimento desses elementos naturalmente coloca qualquer programa de melhoria do funcionamento do mercado de trabalho em xeque. Todavia apenas a consideração das condições de oferta certamente irá comprometer a especificidade das situações urbanas, regionais e/ou setoriais, levando a conclusões óbvias e pouco producentes.

As determinações oriundas da oferta de trabalho se reportam imediatamente às condições sociais e econômicas dos indivíduos e das famílias. As fontes de informações que permitem uma análise da

oferta de trabalho tem sido largamente abastecidas pelas pesquisas domiciliares, tal como a Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador.

Nessa parte do trabalho, pretende-se avançar algumas sugestões de políticas de qualificação voltadas a oferta de trabalho, tendo em vista proporcionar ao jovem níveis mais altos de produtividade do trabalho e condições adequadas para acompanhar um mercado de trabalho que vem, nas últimas duas décadas, enfrentando grandes transformações, as quais exigem maiores habilidades e melhores qualificações.

5.1 - Melhoria da qualidade da educação básica

Trata-se de um ponto de partida muito importante para se dispor de uma mão-de-obra mais qualificada, de maneira que se possa acompanhar os desafios que a realidade econômica atual vem impondo aos trabalhadores. Uma boa educação básica se traduz na formação de um capital humano, com largo espectro de atuação, capaz de acompanhar as mutações técnicas e organizacionais, que o mundo vem conhecendo nessas duas últimas décadas, além de permitir as condições iniciais em termos de capacidade de abstração, entendimento e operacionalidade, para que as pessoas se voltem, em momento oportuno, às formações mais específicas.

Esse tipo de programa também se justifica para a população jovem de Salvador, visto que o grau de escolaridade ainda é muito baixo para essa faixa etária. A melhoria da educação básica para o jovem objetiva atender as necessidades de uma massa juvenil pouco escolarizada, na medida em que há uma dificuldade ou até mesmo uma impossibilidade em se seguir cursos específicos, quando o básico ainda não foi alcançado. Essa baixa escolaridade básica dos jovens tem contribuído para que as oportunidades de trabalho para essas pessoas fiquem rarefeitas, dificultando assim a inserção no mercado de trabalho.

5.2 - Incentivo à escolaridade de segundo grau

Em complemento à formação de base, deve-se implementar e desenvolver programas de escolaridade de segundo grau, já que esse nível de escolaridade alcança diretamente o jovem entre 15 e 17 anos. Uma grande conquista, quando se dispõe de uma estrutura de ensino voltada à formação de jovens adolescentes, aparece

imediatamente na elevação do nível educacional dessas pessoas. Além disso, essa maior escolaridade secundária implica manter essas pessoas fora do mercado de trabalho por mais tempo, reduzindo portanto as taxas de desemprego justamente em um momento que os jovens requerem ainda uma continuidade de formação para que possam ser tomar melhores decisões, assim como permitam antecipar problemas e assumir responsabilidades quando se voltarem ao mercado de trabalho.

5.3 - Formação profissional específica

O sistema educacional brasileiro não tem priorizado a formação de uma mão-de-obra voltada para o sistema produtivo. No entanto, não se pode negar que quando se tem uma boa formação profissional, as condições de acesso a um emprego melhoram significativamente, bem como reduz-se os riscos do desemprego. Evidentemente que a formação profissional deve estar voltada às exigências do próprio mercado de trabalho, de maneira que uma percepção das necessidades das empresas, e mesmo do setor público, é sempre importante para que se possa adequar o sentido de formação de uma oferta de trabalho com as exigências requeridas pelo lado da demanda. Uma formação profissional com essa preocupação, além de elevar a chamada “empregabilidade” das pessoas envolvidas, naturalmente permitirá uma elevação dos seus rendimentos futuros.

Empregabilidade e rendimentos mais elevados acontecem em virtude da maior capacitação e integração dos agentes envolvidos no processo econômico. A especificidade do jovem surge no instante em que ele contempla a possibilidade de adentrar ao mercado de trabalho, exatamente no momento em que ele tem mais condições de adquirir uma melhor capacitação profissional. Para tanto, não se pode desconsiderar as transformações econômicas, que vêm sistematicamente reduzindo o emprego industrial e ampliando o emprego na área de serviços. Por isso mesmo, é importante que esses cursos sejam orientados para uma formação voltada à ocupações emergentes.

5.4 - Fomento para a formação de postos de trabalho em tempo parcial

Com o objetivo de agilizar o funcionamento do mercado de trabalho juvenil, necessário se faz incentivar a formação de postos de

trabalho específicos voltados a essa faixa etária, de maneira a permitir que os jovens continuem freqüentando as escolas e ampliando seus conhecimentos gerais e de formação. Esse tipo de política deve visar a redução da taxa de desemprego para essas pessoas, bem como diminuir o tempo de desemprego ao qual estão submetidas, sem que isso signifique retirar os jovens inteiramente das escolas.

5.5 - Atenção especial ao setor informal

A informalidade tem fornecido uma grande possibilidade em termos de geração de postos de trabalho, entretanto os níveis de escolaridade e de rendimentos das pessoas envolvidas nesse segmento informal mais jovem do mercado de trabalho são por demais insipientes. Programas de escolaridade e capacitação profissional que sejam direcionados a esse segmento são sempre bem vindos, na medida em que contribuem necessariamente para melhorar a qualificação e o rendimento dessa mão-de-obra.

Conclusões

Este trabalho abordou a questão da inserção do jovem no mercado de trabalho, tema que tem atraído a atenção dos organismos governamentais e não governamentais em todo o mundo. Por tratar-se de uma mão-de-obra ainda com pouca qualificação e informação, em relação aos níveis exigidos pelo mercado de trabalho, o trabalho do jovem apresenta alguns problemas, na medida que fica exposto a muitas formas de exploração. Objetivando ampliar o conhecimento a respeito desse importante tema, este artigo estudou a participação do jovem no mercado de trabalho e a formação do seu rendimento, procurando estabelecer os princípios, determinantes e condicionantes que o levam a buscar uma ocupação nesse mercado.

Fazendo-se uso da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS) e tomando-se como referência a Cidade do Salvador, extraiu-se alguns resultados interessantes. Pelo lado da oferta, a alta taxa de participação da população jovem tem se traduzido em elevada taxa de desemprego. Esse fato é agravado também pelo lado da demanda, tendo que vista que é pequena a capacidade de absorção ocupacional dessas pessoas no mercado de trabalho. Além do mais, observou-se

um número reduzido de ocupações absorvedoras de trabalhadores jovens, intensificando a concorrência entre essas pessoas e fazendo surgir novas formas discriminatórias nesse segmento do mercado de trabalho. Ficou evidenciado que o percentual de jovens na condição de desemprego de curto e médio prazos declina com o aumento do nível de escolaridade. No entanto, a baixa elasticidade do rendimento do trabalho em relação à escolaridade e a alta elasticidade em relação à idade e ao esforço permitiram concluir que o rendimento do jovem se origina principalmente em ocupações não qualificadas, mas que exigem um grande vigor físico.

Ao analisar a estrutura do mercado de trabalho e da inatividade do jovem na cidade de Salvador, espera-se que este estudo possa contribuir para melhorar as relações de trabalho e reduzir o alto índice de desemprego desse importante contingente de pessoas. Ademais, espera-se que este trabalho possa subsidiar o setor público na elaboração de políticas sócio econômicas no sentido de ampliar a qualificação do jovem trabalhador, permitindo assim que ele possa acompanhar o dinamismo do mercado de trabalho, o qual vem experimentando grandes transformações e exigindo maiores níveis de investimento em capital humano de seus trabalhadores.

**LABOUR MARKET AND INACTIVITY OF THE YOUNG WORKERS I
N THE CITY OF SALVADOR**

Abstract: *this paper examines the question of insertion of young people in the labor market, subject that has been worried governmental and non governmental organizations around the world. Given that young workers have lower qualification and information, relative to the levels required by the labor market, these workers present some problems, since they become exposed to many forms of exploitation. Using data of the Employment and Unemployment Research of the Metropolitan Region of Salvador (PED/RMS), and taking the city of Salvador as a reference, we study the participation of young workers in the labor market and his income formation, trying to establish under*

the econometric point of view the principles, determinants, and restrictions that lead young people to look for a job in that market. The results reveal that a higher rate of participation of young workers, added to a small capacity of labor absorption of these workers, has resulted to a higher rate of unemployment for this important contingent of workers. It was also observed a small number of occupations that absorb young workers, which intensifies the competition among these workers and rises new forms of discrimination in this segment of the labor market. It was perceived that the percentage of young workers under unemployment condition in the short and medium runs is decreasing with an increase in the level of schooling. Although, the lower elasticity of the labor income relative to education and a higher age elasticity, allow to conclude that the income of young workers has been originated in occupations non qualified, that require higher physical vigor.

Key words: labor force of young; labor market; labor earning; unemployment; inactivity

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- CARRERA-FERNANDEZ, J, MENEZES, W. F. Impactos da previdência social sobre as decisões de investimento em capital humano e a entrada e saída precoce da força de trabalho: uma abordagem a partir da Região Metropolitana de Salvador. XXVIII Encontro Nacional de Economia da ANPEC. **Anais da ANPEC**. Campinas, São Paulo: dezembro, 2000.
- FERNANDES, C. M; MENDONÇA, L. K. O trabalho da criança e do adolescente na RMS. VI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho da ABET. **Anais da ABET**. Belo Horizonte, Minas Gerais: outubro, 1999.
- AZÊVEDO, J. S. G. DE, MENEZES, W. F, FERNANDES, C. M. **Fora de lugar: crianças e adolescentes no mercado de trabalho**. São Paulo: ABET, Coleção Teses e Pesquisas, v. 2, 2000.
- GREENE, W. H. **Econometric Analysis**. 3rd Ed. New Jersey: Prentice Hall, 1997.
- MENDONÇA, L. K. **As transformações no mercado de trabalho e a inserção ocupacional do jovem: o caso da RMS**. Salvador: FCE-UFBA, monografia, 1999.

- MENEZES, W. F, CARRERA-FERNANDEZ, J. Os determinantes da renda do setor terciário informal: uma análise da Região Metropolitana de Salvador. Recife: **Revista Econômica do Nordeste**, v. n. , 1998a.
- PAES DE BARROS; R, MENDONÇA, R. S. **Infância e adolescência no Brasil: as conseqüências da pobreza diferenciada por gênero, faixa etária e região de residência**. Rio de Janeiro: IPEA, Textos para Discussão n. 202, novembro de 1990.
- POCHMANN, M. **Inserção ocupacional e emprego dos jovens**. São Paulo: ABET, Coleção Mercado de Trabalho, v. 6, 1998.
- SARTORI, E; LONGO, I. O impacto do ECA nas políticas públicas de atendimento à criança e ao adolescente e no trabalho infanto-juvenil. VI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho da ABET. **Anais da ABET**. Belo Horizonte, Minas Gerais: outubro, 1999.
- SENA, A; LOURENÇO, C; SALIM FILHO, M. A busca do primeiro trabalho no mercado da Região Metropolitana de Belém. VI Encontro Nacional de Estudos do Trabalho da ABET. **Anais da ABET**. Belo Horizonte, Minas Gerais: outubro, 1999.